

Pós-pornografia gay e educação em saúde sexual: Notas sobre a experiência de produção de materiais de prevenção do HIV para gays e outros homens que fazem sexo com homens

Luís Felipe Rios¹

Resumo: O texto discute os bastidores teóricos e metodológicos da produção de materiais pós-pornográficos voltados para prevenção do HIV entre gays e outros homens que fazem sexo com homens (HSHs). A produção faz parte de um plano de comunicação científica de um projeto de pesquisa sobre vulnerabilidade dos HSH ao vírus da AIDS. O grupo de pesquisa tem investido na criação de materiais informacionais com base em estudos da narrativa como dispositivo de subjetivação. No caso da produção direcionada a HSHs adultos, a pós-pornografia, concebida como uma forma narrativa, dá embasamento teórico e metodológico à produção, sendo escolhida como modo de abordar a prevenção. Isso ocorre tanto devido à forte presença do pornô no aprendizado e na experimentação da sexualidade entre os HSH, como pela sua capacidade de ser disruptiva em relação às pedagogias sexuais heteronormativas. Os materiais, produzidos para veiculação na *internet*, são compostos de cinco conjuntos de cartões que, por meio de narrativas pós-pornográficas verossímeis, abordam elementos corporais, afetivos e emocionais em enredos sexuais de sexo inseguro, além de apresentar possibilidades de prevenção (camisinha, segurança negociada, PrEP e tratamento como prevenção) e reparação (PEP) para o drama do sexo inseguro. A produção imagética baseia-se na noção de estilizações corporais: configurações que produzem sentido (sensações, valorações emocionais, significados e direções) aos corpos em interação. Ao trabalhar o contra-intuitivo por meio das imagens, busca-se criar uma segunda camada de sentido, de modo a questionar as dimensões de vulnerabilidade associadas a raça, gênero e classe. Os cartões são hospedados no *site* Alice Bee no Vale das Ninfas. Alice, uma drag queen, e o Vale das Ninfas (circuitos de sociabilidade LGBTQ+ da Região Metropolitana do Recife) fornecem o contexto local para as cenas apresentadas, ao mesmo tempo que usa dos recursos da arte drag para interrogar as estigmatizações da própria comunidade gay, que frequentemente reproduzem opressões em relação às feminilidades, especialmente quando habitam corpos de homens cis e mulheres trans. O texto conclui com apontamentos avaliativos sobre a experiência, explorando os limites de um material que exige a leitura para sua efetividade, num contexto marcado por desigualdades no acesso à educação formal.

Palavras-chave: Pós-pornografia, Pedagogias Sexuais, HSH, HIV/AIDS, Prevenção.

¹ Doutor em Saúde Coletiva. Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva, Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana (LabEshu), Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Email. luis.rnascimento@ufpe.br.

Neste texto, conduzirei² o/a/e leitor/a/e pelos bastidores teóricos e metodológicos de "Alice Bee no Vale das Ninfas" e "Na Agonia do Tesão", materiais de prevenção do HIV pós-pornográficos produzidos para homens gays e outros homens que fazem sexo com homens (HSH) adultos.³

Analisando os dispositivos de sexualidade contemporâneos, Camila Mikos e Jamil Sierra (2021) colocam em paralelo dois importantes instrumentos da pedagogia da sexualidade, lançados nos primeiros anos da década de 1970, exemplos de outras produções correlatas contemporâneas: o filme "Garganta Profunda" e a "Enciclopédia da Vida Sexual". O filme, produzido nos Estados Unidos e lançado em 1972, é considerado o "*primeiro longa-metragem colorido e sonoro a acrescentar cenas de sexo explícito à sua narrativa e, (...) ser exibido legalmente em salas de cinema, alçando-o ao posto de fundador da indústria do cinema pornô*" (MIKOS, SIERRA, 2021: 171). A enciclopédia foi originalmente publicada na França em 1973, apresentando diferentes volumes voltados para diferentes faixas etárias, a partir dos sete anos de idade. Sua publicação ocorreu pouco tempo depois da inclusão da educação sexual no currículo escolar do país, claramente um material de informação, educação e comunicação (IEC) em saúde sexual.

Sobre a história da pornografia, Mikos e Sierra (2021: 178) sublinham:

Embora a emergência da pornografia moderna tenha também se dado a partir das novas e baratas tecnologias de impressão que surgiram no século XVI, é só na passagem do século XVIII para o XIX que a pornografia se consolida como uma categoria independente e distinta de literatura e de representação visual. Se, entre os anos 1500 e 1800, os impressos pornográficos se apresentavam principalmente como um instrumento de crítica às autoridades políticas e religiosas, a partir do século XVIII, a pornografia se torna um negócio comercial cujos objetivos são produzir excitação e prazer sexual, passando a ser controlada e regulamentada em nome da decência, não mais da religião e da política. (HUNT, 1999). Nesse sentido, afirma Lynn Hunt: "[...] assim como a medicina, a loucura, a prisão e a sexualidade, a pornografia deve ser

² Discutindo um processo que envolve outras pessoas além de mim, alternarei, quando pertinente, entre a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural.

³ Este texto apresenta atividades de comunicação científica de pesquisa financiada pelo CNPq, processos 309265/2021-5 e 409990/2022-1, que também foi apoiada pela PROEXC/UFPE.

considerada produto das novas formas de regulamentação e dos novos desejos de saber” (1999, p. 11).

Mikos e Sierra (2021) demonstram como pornografia e educação sexual formal da década de 1970, cada uma à sua maneira, direcionadas a públicos diferentes e com objetivos distintos, e moralmente valorizadas conforme segmentos da sociedade, contribuem não apenas para a aprendizagem da sexualidade, mas, e enfaticamente, para uma pedagogia da heteronormatividade, como definida por Lauren Berlant e Michael Warner (1998).

É importante destacar que tanto a pornografia como a educação sexual já existiam bem antes da produção dos materiais analisados por Mikos e Sierra (2014). No segundo caso, não podemos esquecer dos panfletos e brochuras de higiene sexual, de cunho eugenista, muito difundidos nas primeiras décadas do século 20 no Brasil (STEPAN, 2004). Talvez, o que realmente faça diferença, entre os materiais educativos do início e do final do século passado, é que, nos dos anos de 1970: 1) há o uso imagens sexuais, que se articulam ao texto de modo a reiterar a mensagem; 2) estão menos preocupados com genética e raça e mais em ensinar sobre os corpos sexuados. Assim, reafirmam a natureza complementar dos sexos, em repronarrativas que legitimam e apresentam imagens das reprodutividades, sustentando as desigualdades de gênero e reiterando o regime de verdades próprio à heteronormatividade.

Tentando caminhar na contra-mão desse regime, a discussão apresentada neste texto explora a pós-pornografia como uma crítica à heteronormatividade, situando as produções nesse campo como instrumentos para uma educação sexual libertadora, no sentido proposto por Paulo Freire (1996), tema do próximo tópico. Além disso, como sugerido por Richard Dyer (1985), a partir da mesma modalidade narrativa, abordar também o racismo, classismo e outras estruturas opressivas que permeiam as interações eróticas nas comunidades e pornografias gays, assim como na sociedade mais ampla.

Ademais, devido à sua perspectiva crítica às opressões sexuais, entendo que os

materiais aqui em discussão também são instrumentos de afirmação dos aspectos positivos dos direitos sexuais, o direito ao erotismo e ao prazer sexual, que, para as suas realizações, necessitam de garantias sobre a inviolabilidade da vida e do bem-estar, da não violência e o do acesso à saúde sexual das pessoas marcadas como dissidentes sexuais (CORRÊA, 2009). Assim, a contribuição que oferecem para o campo da promoção dos direitos sexuais reside justamente em compartilhar informações sobre como se proteger dos riscos de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) - o que os torna especialmente relevantes, dada a expressiva vulnerabilidade de gays e outros HSHs, mulheres transgêneros e profissionais do sexo ao HIV em comparação a outras categorias sociais (UNAIDS-BRASIL, 2017; BRASIL, 2022; KEER et al 2018; RIOS et al, 2022).

O texto está organizado de modo que, após contextualizar o surgimento dos dois materiais de IEC discutidos aqui, apresento a perspectiva teórica que orienta a produção, baseada nos estudos sobre narrativa e na pedagogia freireana. Em seguida, exploro a capacidade formativa da pornografia e as potencialidades da pós-pornografia gay para uma crítica da cultura e educação em saúde, retomando ações brasileiras anteriores à invenção do termo e definição de pós-pornografia, que utilizavam imagens explícitas de corpos nus e do prazer sexual como ferramentas para discutir direitos e saúde, incluindo o enfrentamento do HIV/AIDS. Encaminhando o texto para o seu final, abordo algumas questões relacionadas aos materiais mais comuns disponíveis para prevenção de ISTs entre HSHs, que são fundamentados na heteronormatividade. Em seguida, apresento como “Na Agonia do Tesão” e “Alice Bee no Vale das Ninfas”, assuntos das duas últimas seções, podem contribuir para o campo da promoção da saúde sexual e beneficiar seus leitores. Nessas seções finais, discuto como os conceitos de pós-pornô, práticas soroadaptativas, vinculações afetivas e emoções, e a noção de estilização corporal foram operacionalizados na execução de cada material. Nas considerações finais, abordo as primeiras estratégias avaliativas e algumas lições para a produção dos próximos episódios da nossa narrativa pós-pornô.

Era uma vez... Pesquisa-intervenção-pesquisa

Certamente, o quadro de vulnerabilidade dos HSHs ao HIV acima mencionado - com uma prevalência alarmante de 21,5% em 2016 no Recife (KEER et al 2018) - tem sido reforçado pelo retrocesso moralista sobre sexualidade e gênero que permeia a sociedade brasileira. Esse retrocesso tem resultado no abandono quase que completo das estratégias bem-sucedidas adotadas no Brasil nas décadas de 1990 e 2000. Refiro-me, especialmente, ao desincentivo à mobilização e à participação comunitária, representada pelas instituições da sociedade civil organizada. Essas instituições, por meio de suas ações de IEC, conseguiam se aproximar das imagens, linguagem e modos de vida das populações mais vulneráveis, como as redes de sociabilidade de gays e outros HSHs (PINHEIRO, 2015; PAIVA, ANTUNES, SANCHEZ, 2020; RIOS et al, 2022).

Esse panorama evidencia a necessidade de ampliar as estratégias prevenção do HIV e construção de tecnologias em educação em saúde sexual para HSHs. A vocação de ações de pesquisa-intervenção-pesquisa (ADRIÃO, 2014) que marca o Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana (LabEshu), grupo de pesquisa que assina as peças de IEC em discussão, nos levou a pensar em uma resposta mais direta aos agravos em investigação.

Desde 2013, retomei pesquisas sobre a vulnerabilidade dos HSH ao HIV, que foi tema de minha tese de doutorado (RIOS, 2004) e de ações desenvolvidas na Associação Interdisciplinar de AIDS (ABIA)⁴. Assim, junto com minha colega de departamento e co-coordenadora de grupo de pesquisa, a Profa. Dra. Karla Galvão Adrião, lideramos um projeto que, para simplificar, denominamos de "Homossexualidades".

Ao longo dos anos foram realizadas várias ondas de coleta e análise de dados,

⁴ Entre os anos de 2000 e 2004 fui assistente de projetos na ABIA.

utilizando diversas técnicas de investigação, submetidas a agências de fomentos com uma variedade de títulos (RIOS, 2020; RIOS, ADRIÃO, 2022). Nessa jornada de pesquisas, uma de nossas preocupações é sobre os efeitos das entrevistas na saúde sexual dos participantes, uma vez que, durante a coleta, o entrevistador não deve emitir opiniões sobre riscos das situações relatadas. Além disso, os artifícios para engajar os entrevistados na conversa e explorar os assuntos poderiam também ter efeitos negativos, ou seja, poderiam levar as pessoa a acreditar que nenhuma das práticas relatadas representariam riscos à saúde.

Para diminuir esse efeito, no início do projeto "Homossexualidades", utilizamos materiais de IEC produzidos no projeto "Diálogos para o Desenvolvimento Social em Suape"⁵, para a intervenção pós-entrevistas. Após as duas primeiras etapas da pesquisa, que envolveram observação participante e entrevistas biográficas, realizamos uma primeira análise na perspectiva de compreender as práticas preventivas ao HIV, alternativas às propostas pela saúde pública, conhecidas na literatura como soroadaptativas (EATON et al 2009; FERRAZ, PAIVA, 2015). Nessa análise, identificamos a recorrência da prática da soroescolla: sexo anal desprotegido (SAD) com parceiros de mesma sorologia. Idealmente, a soroescolla se utilizaria da testagem prévia, mas nos dados coletados isso raramente acontecia. A sorologia era inferida com base na aparência saudável, nas vinculações afetivas, e nas emoções decorrentes dos dois primeiros aspectos e relacionadas às próprias situações dos encontros sexuais (RIOS et al, 2019).

Com base nessa constatação, produzimos três folders abordando o perigo de tirar a camisinha em relações com com namorados, amigos e desconhecidos sem testagem prévia, além de abordar a disponibilidade da profilaxia pós-exposição (PEP)

⁵ Projeto de desenvolvimento tecnológico que atuou na avaliação de dispositivos de prevenção às violações e agravos relacionados a sexualidade e gênero, em Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca, durante a construção do complexo industrial e portuário de Suape (RIOS et al, 2015).

para HIV como medida reparadora para o drama do sexo inseguro.⁶ O primeiro material foi impresso e continha o endereço eletrônico onde os outros dois podiam ser encontrados, uma vez que o LabEshu não dispunha de recursos financeiros suficientes para imprimir os três folders.

O título escolhido para a série foi “Na Agonia do Tesão”, expressão que sintetiza a fala de Amaral (26 anos, branco, *boy*⁷, versátil⁸) para descrever o motivo pelo qual, embora afirmasse que sempre usava camisinha, ocasionalmente se envolvia em relações sexuais sem proteção:

E camisinha sempre. Eu não deixo. Agora, teve uma ocasião ou outra, com um amigo meu, que eu acabei transando sem camisinha. Mas é aquela coisa, sabe? Você fica numa agonia. “Porra! Sem camisinha, e agora?”. Depois que você faz o exame e vê que tá tudo ok, chega a dar um alívio. [...] Eu acabei confiando, porque era um conhecido. [...] Não era desses que eu encontro na rua, sei lá. (Rios et al, 2019: 75)

Em 2022, submetemos um projeto de continuidade intitulado "Condutas sexuais de jovens homens que fazem sexo com homens e vulnerabilidade ao HIV à Covid-19" ao edital Pró-Humanidades, do CNPq. Um dos requisitos do edital era apresentar um plano de divulgação do conhecimento. Reconhecendo a importância das novas tecnologias de informação e comunicação, especialmente a *Internet*, decidimos aproveitar essa oportunidade para trazer à reflexão de nossos interlocutores outros

⁶ Nas narrativas, a testagem era apresentada como uma estratégia de reparação, mas sem eficácia em evitar a infecção da pessoa pelo vírus. A testagem não acontecia antes da decisão pela retirada da camisinha. Ela funcionava como forma de aplacar a tensão/medo de ter se infectado pelo HIV. (RIOS et al, 2019). Nenhum dos interlocutores fez menção ao uso de PEP, a forma eficaz de reparação. A literatura mostrava que a PEP, embora já disponível desde 2010, era pouco divulgada e utilizada (MAKSUD, FERNANDES, FILGUEIRAS, 2022). Na ocasião do inquérito (20216/2017), realizado com 380 HSHs, embora 51,8% tenham apresentado conhecimento adequado sobre PEP, apenas 1,3% tinha feito uso (RIOS et al, 2022).

⁷ Os homens são categorizados em "*boys*" (masculinos) e "*pintosas*" (femininos). Os "*boys*" são presumidamente compreendidos como "ativos" e as "*pintosas*" como "passivas" (RIOS, 2021).

⁸ Em relação às posições sexuais os HSH são categorizados em: "exclusivamente ativos" (insertivo no sexo anal), "exclusivamente passivos" (receptivo no sexo anal), "versáteis" (receptivos e insertivos no sexo anal), "versáteis mais para passivos", "versáteis mais para ativos". No inquérito ficou constatado uma maioria de "versáteis". Assim, 91,5% dos respondentes realizava sexo anal receptivo (RIOS, 2021), que no SAD tem um maior risco para infecção pelo HIV (EATON et al, 2009).

temas que afetam a prevenção. Além de adaptar "Na Agonia do Tesão" para ser compartilhado nas redes sociais na forma de um conjunto de cartões chamados de "carrosséis de cards", também criamos mais dois números abordando as últimas inovações em tecnologias de prevenção, bem como um site para disponibiliza-los.

O site, intitulado "Alice Bee no Vale das Ninfas", com o domínio www.alicebeesha.com.br, é composto por seis páginas: "Alice Bee" (apresentando a personagem que guia e dialoga com os visitantes em todas as páginas), "Homossexualidades" (apresentando o projeto de pesquisa ao qual o *site* serve como uma resposta comunitária direta - Figura 1), "O Vale das Ninfas" (apresentando os territórios de homossociabilidade da Região Metropolitana do Recife/RMR), "Baphons" (uma espécie de noticiário sobre os eventos da cena gay na RMR), "Na Agonia do Tesão" e "Troca-Troca com Alice" (um canal de comunicação entre os visitantes e a equipe).

Figura 1: Ilustração da página Homossexualidades



Legenda: Primeira de três ilustrações que retratam um diálogo entre Alice Bee e Paulo Freire sobre o projeto que abriga o *site*. O cenário é o laguinho da UFPE, frequentado por jovens LGBTQIA+, onde existe uma estátua em homenagem ao educador. Fonte: Acervo do LabEshu.

Narrativa e educação em saúde

A educação em saúde no Brasil tem uma história que abrange diferentes concepções e práticas. Ainda prevalece uma abordagem não crítica, com ênfase no modelo biomédico, que se baseia em produções textuais persuasivas para o cumprimento de normas e regras para manutenção da saúde. A partir dos anos de 1970, surgiu uma outra forma de trabalhar, que criticava o modelo anterior, utilizando evidências epidemiológicas relacionadas aos determinantes sociais, interpessoais e ambientais na saúde. Essa compreensão levou ao desenvolvimento de ações em IEC que estimulam pessoas e grupos a refletirem sobre aqueles determinantes e a realizarem transformações na realidade, em vez de simplesmente transferir informações (MONTEIRO, VARGAS, CRUZ, 2006).

O conjunto de materiais discutidos neste texto se enquadra nessa segunda perspectiva, que considera aspectos estruturais/programáticos, socioculturais e pessoais como importantes para a produção da mudança da conduta, no caso, rumo a práticas sexuais mais seguras (PARKER, 2000; AYRES et al, 2003; RIOS, QUEIROZ, 2015). Essa abordagem é fundada no campo da promoção dos direitos humanos em saúde e tem o diálogo como princípio ético-político operacional, herança da larga tradição de educação popular latino-americana, especialmente na obra de Paulo Freire (1983, 1996). Freire (1983) questiona a efetividade das ações de extensão universitária que são baseadas na transferência de conhecimento de alguém que sabe mais para alguém que está equivocado na lida com dado objeto. Ele destaca: *"A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados."* (p.46)

Nessa forma de construir encontros dialógicos, o uso da cultura na elaboração dos materiais de IEC não é meramente dispositivo de tradução, elemento decorativo ou meio de atrair as pessoas para a proposta. Parte-se da perspectiva de que os seres humanos se tornam verdadeiramente humanos quando engendrados culturalmente

(GEERTZ; 1987; VIGOTSKY, 1991). Nessa abordagem, o gênero linguístico narrativa desempenha uma função importante no processo de ensino/aprendizagem de normas e regras sociais, no processo de socialização e subjetivação.

Bruner (1990) demonstra como crianças pequenas são socializadas nas regras sociais por meio de histórias do cotidiano, que seguem características de narrativas. Narrativas iniciam quando algo que desafia o canônico provoca uma desordem significativa e se encerra quando a ordem é reestabelecida. Na sequência dos episódios os ouvintes/leitores aprendem o certo, o errado e os motivos para retornar ao certo ou criar uma nova ordem (BRUNER, 1990). É assim que funcionam os contos de fadas, os mitos, ritos e outros dispositivos culturais na socialização das pessoa e manutenção de uma dada ordem social. Mesmo que haja uma tendência cultural à manutenção de regras e valores, aquilo que desestabiliza pode ser o recurso para provocar a mudança (TURNER, 2008). Marshall Sahlins (1990) observou como encontros entre culturas podem produzir, por meio da própria ação das pessoas, o que ele chamou de “risco empírico” - algo extraordinário, não canônico, que desafia a inteligibilidade dos esquemas conceituais e possibilita mudanças em suas configurações.

No modelo utilizado para produzir os materiais de IEC, entendemos que as narrativas podem transformar acontecimentos canônicos em riscos empíricos e serem caminhos para desenvolver esquemas/formas mais eficazes de proteção contra o HIV e outras ISTs, apresentadas no próprio desenrolar das histórias.⁹

Em "Na Agonia do Tesão", apresentamos cenas de sexo inseguro marcadas por fortes emoções, que, embora tragam riscos de saúde, não são percebidas enquanto tal, por estarem ancoradas em construções culturais que minimizam ou até mesmo ignoram esses riscos. Por exemplo, o risco de contrair o HIV de alguém cujos hábitos são conhecido, como um conhecido, amigo ou namorado. Em adição, a confiança

⁹ É importante dizer que esse modelo também orienta produções de educação em saúde, para crianças e jovens, em que outras expressões narrativas, que não as pós-pornográficas, são acionadas em suas confecções (RIOS, QUEIROZ, 2015). Conferir: www.labeshu.com/materiais-educativos.

engendradora por esses vínculos afetivos é reforçada pelo amor e pelo tesão, levando a práticas sexuais sem o uso do preservativo.¹⁰ Todas elas e suas ambiências são verossímeis e baseiam-se em episódios narrativos obtidos em situação de entrevistas e analisados em artigos publicados em revistas científicas (RIOS et al, 2019; RIOS et al, 2022).

Quero já me antecipar a qualquer objeção em relação à pornografia como narrativa, no sentido mesmo dado por Jerome Bruner (1990). Se o que caracteriza uma narrativa é a sequencialidade de atos para reestabelecer a ordem diante de eventos disruptivos, a pornografia possui sim um enredo e um efeito narrativo. Como sugere Dyer (1985), mesmo os filmes pornográficos *hardcore*, que apresentam uma sucessão de atos sexuais aparentemente sem enredo, o obtém a partir da própria descrição sexológica moderna, amparada numa fisiologia e psicologia do ato sexual. Esse enredo pode ser resumido, no caso dos homens cis¹¹, como composto por: desejo, excitação, platô e orgasmo¹² (cf. MASTERS, JONHSON, 1984).

Em adição, John Gagnon (2006) aponta que pistas sociais vão permitir que representações de sexo explícito ganhem conotações pornográficas - e ainda que se possa considerar o enredo de fotonovelas eróticas, filmes pornôs e mesmo imagens de nu limitados, repetitivos e entediantes. Por meio das pistas (cenários, marcas corporais de idade, classe, raça e sexo-gênero, entre outras) e dos contextos de assistência, os ensaios intrapsíquicos ou fantasias sexuais, culturalmente informadas, completam e oferecem a tensão erótica necessária para a significação sexual, capturando as imagens

¹⁰ No inquérito, considerando os seis meses anteriores à entrevista, o SAD foi relatado por 56,6% dos que fizeram sexo anal com parceiro fixo, e 30,2% dos que o relataram com parceiros ocasionais. Dos que realizaram SAD com parceiros ocasionais, 58,6% foi com conhecidos, 35,7% com amigos e apenas 10% com estranhos. Confiança e tesão foram emoções importantes tanto nas parcerias fixas (respectivamente 76,2% e 35,7%) como nas ocasionais (respectivamente 50,8 e 51,4%) (Rios et al, 2022). Vale destacar que a PrEP ainda não estava disponibilizada quando os dados foram coletados.

¹¹ Uma pessoa cisgênero, ou cis, é aquela cuja identidade de gênero está alinhada com o gênero designado no nascimento.

¹² Conforme Dyer (1985) uma das características que vai diferenciar o pornô de outras narrativas filmicas é, além de imagens que focam nos órgãos sexuais e suas interações, a exibição do gozo, da ejaculação e do esperma nas superfícies dos corpos como uma prova incontestada de não simulação.

em narrativas sexuais.

Até uma simples fotografia que exiba o sexo oral ou um close-up dos órgãos genitais durante o coito fazem parte de um evento roteirizado, em vez de serem sinais eróticos essencialmente significativos. Em alguns casos o contexto social da visualização (por exemplo, um grupo de garotos que circula uma fotografia de sexo explícito) proporciona sentido e tensão erótica à fotografia. Noutros, o observador bem treinado, mesmo particular, fornece o roteiro que cerca a imagem isolada, para fazer com que ela tenha sentido narrativo, e busca na imagem indícios que sugiram porque aquele pênis está naquela boca.”(GAGNON, 2006: p. 221-223).

Pornografia e Pós-pornografia

Eu nasci em 1970 e passei toda minha infância, adolescência e juventude em Recife, capital do estado de Pernambuco. Quando comecei a ter alguma consciência sexual, Gargantas Profundas e Enciclopédias Sexuais circulavam amplamente enquanto pedagogias sexuais. Quando de minha infância e adolescência, os primeiros materiais pornográficos a que eu, na época percebido como um menino cis, presumidamente heterossexual, tive contato foram "calendários de bolso de mulheres peladas", dados como brinde de final de ano por estabelecimentos comerciais. Eu tinha uma coleção deles, quando ainda não havia chegado nos oito anos de idade, até minha mãe descobrir e deles se desfazer. No entanto, eu continuava vendo as coleções de meus amigos. Algo impensável nos dias de hoje, ou talvez não?

Por volta dos 11 ou 12 anos, minha mãe me deu um livrinho, que devia ser uma versão abasileirada de uma das enciclopédias sexuais da década 1980, adequada à minha faixa de idade. Me disse para ler e, se tivesse dúvidas, poderia consultá-la. Nunca mais falamos sobre sexo. Naquela época, era realmente constrangedor falar sobre isso com meus pais. Não me lembro se o livro tinha ilustrações, mas, na outra via da minha educação sexual, estas se proliferavam.

Conforme crescia, tinha cada vez mais acesso a materiais pornográficos

heterossexuais disponibilizados por homens mais velhos,¹³ que assumiam o papel de responsáveis pela socialização sexual dos mais novos. Revistas como Playboy e similares, e posteriormente fotonovelas eróticas, chamadas de "revistinhas de sacanagem", mostravam explicitamente as cenas e os enredos sexuais, ilustradas com fotografias, algumas vezes com desenhos.

Ainda considerando minha experiência e do meu grupo de amigos, homens jovens cis, apenas quando aparentávamos mais que 18 anos é que tínhamos acesso às muitas salas de filmes pornôs, espalhados pelos bairros com comercio mais forte e pelo centro da cidade. No entanto, quando chegávamos aos cinemas, já havíamos aprendido muito sobre sexo por meio das "revistinhas" e nas conversas com os amigos. Posteriormente, com a disseminação dos videocassetes e, posteriormente, DVDs, foi possível levar filmes pornôs para casa, comprando-os ou acessando uma videolocadora. Como num Museu Secreto¹⁴ daqueles tempos, os pornôs ficavam abrigados em salas com acesso restrito. Vale ressaltar, para se ter uma melhor dimensão sobre a importância da pornografia na formação sexual dos rapazes de minha geração, para os que ficavam ou chegavam de madrugada em casa, a TV aberta exibia o programa "Cine Privê"¹⁵, nas décadas de 1990 e seguintes, com pornografia *softcore* que satisfazia a curiosidade e a libido de muita pessoas.

Só cheguei no pornô gay muito tardiamente, após meus primeiros relacionamentos homossexuais, no final da década de 1990, em revistas de nu masculino e fotonovelas gays, compra de DVDs, e, já na década de 2000, em *sites* e salas de bate papo na *Internet*. Embora muitos dos canais pornográficos *offline* tenham

¹³ Queiroz (2013), em pesquisa etnográfica com crianças em contexto escolar apresenta relatos sobre *smartphones* utilizados pelos meninos para ver e compartilhar imagens de sexo explícito, disponibilizadas para eles em *lanhouses* ou por parentes (homens) mais velhos.

¹⁴ O Museu Secreto foi uma importante instituição na formação da noção de pornografia, denotando a racionalidade visual, sexual e urbana inscrita na modernidade ocidental. Constitui na formação de uma coleção especial, secreta do museu bourbônico de Nápoles. Um espaço onde apenas homens da aristocracia tinham acesso. Nele figuravam artefatos de cunho sexual advindos dos vestígios arqueológicos de Pompéia (PRECIADO, 2018; SARMET, 2014).

¹⁵ https://pt.wikipedia.org/wiki/Cine_Priv%C3%A9

desaparecido ou rareado, os *online* se fortaleceram, ampliando o acesso à pornografia para todos os gostos sexuais, acompanhado, criando e fortalecendo a segmentação do mercado erótico.

No nosso inquérito de 2026/17,¹⁶ a referência a cinemas pornôns como lugar de sociabilidade homossexual, visitados nos 12 meses anteriores à entrevista, foi bastante reduzida, apenas 4,1%. No entanto, 62,6% dos respondentes mencionaram o uso de *sites* pornôns, enquanto 55,8% disseram utilizar aplicativos de busca de parceiros na *Internet*¹⁷ (RIOS, VIEIRA, 2023).

O que preciso sublinhar é que a importância da pornografia na socialização sexual não é exclusivamente uma experiência privada e da minha geração. Diversos estudiosos da sexualidade destacam a importância das narrativas pornográficas para a socialização sexual, especialmente dos homens (GAGNON, 2006; WILLIAMS, 2012; MIKOS, SIERRA, 2021; PRECIADO, 2018). Pornografia que, por sua vez, refletem opressões relacionadas a sexo, sexualidade, gênero, raça, entre outros, na formação e manutenção de desejos e práticas sexuais (DYER, 1985; DÍAZ-BENITEZ, 2010; PINHO, 2012).

Dyer (1985) já mencionava a reiteração de opressões sociais, que subjazem a própria construção da masculinidade, na pornografia gay. Argumento que também vinham sendo usadas por parcela do movimento feminista contra esse tipo de produção. O autor argumenta que ao rejeitarmos a noção de "sexo puro" e a idéia de que a pornografia é uma expressão ou liberação de uma sexualidade "reprimida" e questionamos os outros essencialismos, relacionados aos marcadores acima mencionados, é possível repensar e produzir pornografia de maneiras diferentes.

Desnaturalizar os conteúdos abre espaço para refletir sobre aspectos positivos e compreender que a pornografia se configura como uma forma artística que possibilita

¹⁶ Já comentado em notas de rodapé ao longo do texto.

¹⁷ Em alguns aplicativos é possível ver imagens e vídeos, utilizadas na composição de perfis e produção do desejo erótico, que podem ser categorizadas como uma espécie de pornografia amadora.

um conhecimento experiencial do corpo sexuado - por isso mesmo desvalorizado socialmente em uma sociedade que valoriza o espírito e demoniza a “carne”. Dyer (1985) enfatiza a importância da pornografia gay para os homens com atração sexual por homens, muitas vezes única possibilidade de afirmação de desejos que são socialmente construídos como perversos e indizíveis.

Sublinhando, nesse contexto de debates sobre gênero e sexualidade nas teorias feministas e teorias queers, abre-se espaços para que teóricos e ativistas não apenas observem a reiteração das normas presentes na pornografia, mas também reconheçam o seu potencial subversivo. No caso da pós-pornografia, essa abordagem busca utilizar dessa modalidade imagética-narrativa para produzir deslocamentos no que diz respeito a sexo, gênero e erotismo, rumo a formas não opressivas de experimentar a sexualidade, redescrevendo pedagogias eróticas (DYER, 1985; SARMET, 2014; PRECIADO; 2018).

Pornografia e o enfrentamento ao HIV/Aids

Refletindo sobre a maternidade da pós-pornografia, Érika Sarmet (2014) chama atenção para a emergência de ações que hoje poderiam ser denominadas como tal no contexto latino-americano e brasileiro. Ela não nega a importância das teóricas e ativistas do norte global na discussão, mas reendereço o debate incluindo ações do sul, já nos anos de 1950.

A ausência de uma genealogia das práticas artísticas latino-americanas vinculadas ao corpo, principalmente no que diz respeito à arte feminista, faz com que o pós-pornô esteja sendo recebido na América Latina como algo completamente novo, como uma “modernização espanhola” que nos faz sentir defasados e atrasados, quando na verdade artistas feministas latino-americanas já levantavam questionamentos semelhantes nos anos 1950, até mesmo antes. No Brasil, por exemplo, tivemos o Movimento de Arte Pornô na década de 1980. (SARMET, 2014: 15)

A autora recoloca no campo de discussão dos efeitos subversivos da pornografia as produções artístico-literárias do coletivo carioca GANG, que integrou o

Movimento de Arte Pornô, supracitado. "*Suas táticas de pornô-guerrilha assemelham-se às práticas pós-pornôs de agora, como intervenções pornô-artísticas em espaços público*". Ela sublinha que uma das características das ações do grupo, pouco explorada "*no projeto político contemporâneo da pós-pornografia, a exceção de alguns projetos latino-americanos, é o humor*". (SARMET, 2014: 15)

Nessa mesma linha, é importante sublinhar que o uso de imagens eróticas para discutir sexualidade e prevenção do HIV entre homens gays e outros HSHs não é algo novo e remete mesmo a organização e modo de luta das primeiras ONGs AIDS, nos anos de 1980. A Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), por exemplo, é autora de inúmeras peças que hoje podem ser classificadas como pós-pornográficas, como o cartaz/postal/folder "Não importa com quem" (1994), criado para erotizar a camisinha, que apresenta um homem nu, close no "pau"/pênis vestido com camisinha, ou a peça de teatro documentada em vídeo, "Cabaré Prevenção" (1997), fruto de oficinas de teatro expressionista facilitada/dirigida pelo ativista Vagner de Almeida.¹⁸

Outros grupos, no Brasil e no mundo, seguiram por esse caminho, que foi rareando juntamente com a diminuição dos recursos e talvez com o crescimento do moralismo conservador mencionado no início deste texto. No entanto, é importante ressaltar que peças de prevenção com apelo mais sensual ou erótico, voltadas para HSHs, foram bastante utilizadas também por instituições públicas. Embora tentassem deixar que "*o conteúdo sexual fosse, no máximo, insinuado de forma sutil ou ambígua*", em alguns momentos as fronteiras entre o erótico e o pornô se embaralharam (PINHEIRO, 2015: 127).

Um exemplo que merece destaque é a campanha desenvolvida em São Paulo com colaboração entre instituições públicas e ONGs, lançada entre 2001 e 2002. Essa campanha incluiu um vídeo, "Exibicionistas", cuja narrativa se passa em um banheiro

¹⁸

Conferir <http://hshjovem.abiaids.org.br/cartoes-postais-historicos-sobre-diversidade-sexual-da-decada-de-90/6725>

e foi produzido para ser exibido nos cinemas pornôs paulistanos. Além disso foi criado um folder com imagens de “*um monte de meninos de pau duro, em situações [de sexo] ou no darkroom ou no parque ou na sauna, que eram esses lugares de encontro rápido. ... Foi uma campanha ótima, fez um baita sucesso porque era especificamente voltada para isso.*” (PINHEIRO, 2015: 128).

Prevenção num modelo bancário

Mas o fato é que a grande maioria dos materiais usados na prevenção para HSHs, especialmente os atuais, foram/são produzidos numa perspectiva pedagógica bancária de transferência de conhecimento biomédico (FREIRE, 1983, 1996), descontextualizado e a partir da heteronorma.

A cena sexual que os materiais conseguem evocar é a do “sexo heterossexual”. Certamente, em algum grau, esses materiais informam e auxiliam na prevenção para HSHs. Afinal, como mostram Berlant e Warner (1998) a heteronorma assujeita e subjetiva homens e mulheres, independente de suas posições sexuais e de sexo-gênero. Sim, as informações são compreensíveis e os HSHs conseguiriam aplicá-las às suas experiências.

Não obstante, além de serem pobres convites ao (não) diálogo e anti-eróticos, as experiências de gays e outros HSHs transbordam os limites estabelecidos pela heteronorma. Práticas eróticas, não necessariamente exclusivas de homens gays e outros HSHs, mas que se produzem a partir de uma linha dissidente às represssexualidades, têm implicações de saúde/doença singulares, e ficam de fora dos materiais de prevenção mais comuns. Destacam-se especialmente os arranjos interacionais não duais e/ou não monogâmicos, os usos da boca, do "cu"/ânus e de brinquedos sexuais para o incremento da eroticidade e obtenção de prazeres sexuais (RIOS et al, 2022).

Como incorporar essas práticas, pouco conformes a moralidade hegemônica,

nos materiais de prevenção? Como trazer para a discussão aquilo que vai além do conhecimento técnico e que afeta a proteção e gera cenas de infecção pelo HIV, como os vínculos afetivos, as estilizações dos corpos saudáveis e desejáveis e as emoções decorrentes de tudo isso?

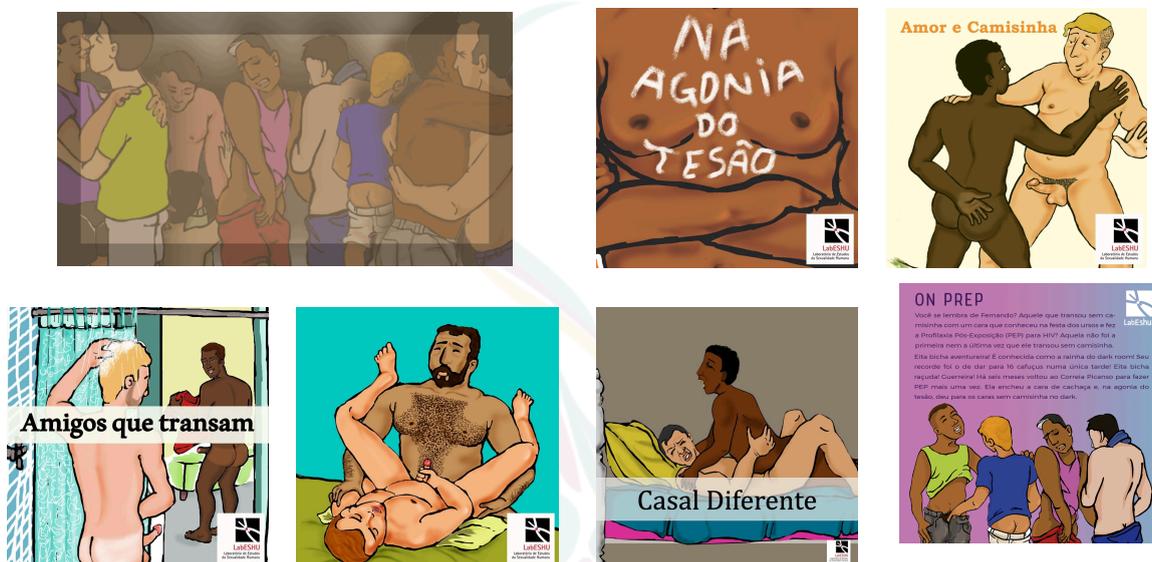
O corpo "Na Agonia do Tesão"

Já discuti a potência socializadora e subjetivante das narrativas, incluindo a pós-pornografia, na aprendizagem da sexualidade e dos outros sistemas com os quais intersecciona. Agora, vou aprofundar o que Dyer (1989) denominou de conhecimento do corpo que a pornografia, enquanto arte que se realiza na experiência dos prazeres eróticos, pode oferecer.

Nas construções narrativas de "Na Agonia do Tesão", além das histórias, buscamos nos aproximar da materialidade dos corpos, que se revela de forma especialmente eloquente naquilo que narramos. Optamos pelo desdenho (não animado), que remete às "revistinhas de sacanagem", devido às facilidades que oferece para o trabalho: diminuí substancialmente os gastos para a produção das imagens, além de possibilitar contornar uma possível censura em relação à exibição de fotografias de sexo explícito feitas num centro universitário.

As imagens não apenas trazerem o "tesão" para o material, mas capturam e desvelam outras camadas de sentido que pretendemos fazer refletir. Ao longo da pesquisa, identificamos configurações que categorizam os corpos como mais ou menos desejáveis e saudáveis, considerando contextos intersubjetivos e vínculos afetivos. Nessa esteira, inspirados em Judith Butler (2003), exploramos as estilizações corporais nas narrativas, investindo-as na produção imagética dos personagens. Por meio das estilizações procuramos tornar as cenas verosímeis, mas, como mostrarei adiante, nem sempre de forma tão realista assim!

Figuras de 2 a 8: Ilustrações de “Na Agonia do Tesão”



Legenda: 2) Imagem animada da página “Na Agonia do Tesão”, 3) Capa de "Amor e Camisinha", 4) “Amor e Camisinha”, 5) "Amigos que Transam”, 6) “Fernando e o Urso”, 7) “Casal Diferente”, 8) "On PrEP”. Fonte: Acervo LabEshu

O "cafuçu", o "boy padrão", a "bicha pão com ovo", a "maricona" vão habitando, colorindo e nuançando o texto, em um discurso subliminar que evoca o sentido dos corpos. Essa teia de imagens visuais mobiliza as sensações, sentimentos e significados guardados e acionados na memória corporal (RIOS, 2020) e, que, na interação social, dirige o encadeamento dos *scripts* sexuais (GAGNON, 2006).

Não posso deixar de citar a influencia da Psicologia Analítica de Carl Jung (2013) na forma como ele descreve as etapas de apreensão das experiências, denominadas por ele de funções psicológicas: sensação, emoção, pensamento e intuição. Esta última consiste em uma apreensão instantânea de um acontecimento, conferindo uma disposição para ação que aparentemente não requer as outras funções para conferir sentido ao acontecimento. Na minha compreensão, a intuição se forma a partir do acúmulo de experiências culturalmente significadas pelos sistemas sociais,

produzindo cenas não-refletidas (RIOS, 2020). Foi observando essas disposições irrefletidas, mobilizadas pelas estilizações, que acionamos elementos que chamamos contra-intuitivos (FRY, 2002) para fazer emergir a reflexão.

Assim, no primeiro material, "Amor e Camisinha" (Figuras 3 e 4), Paulo, um homem preto, jovem, atlético, "bunda"/nádegas "carnuda"/apetitosa e Carlos, um homem branco, mais velho, gordo, "pintoso", "mala"/pênis "boa"/grande formam um casal. Eles estão envolvidos em uma interação sexual, quando Carlos está prestes a penetrar Paulo, a cena é interrompida, e surge a proposta de segurança negociada: é necessário fazer o teste antes de "transar"/ter sexo sem camisinha, e por amor - a mesma emoção que cria a disposição para o sexo desprotegido.

Assim, as imagens possuem uma densidade narrativa que não se expressa no texto, capturadas pelo ilustrador, o artista plástico Marcelo Figueiredo, que traz, de modo contra-intuitivo, aquilo que as estilizações corporais conferem sentido. O esquema cultural estabelece que é o homem preto, jovem, não efeminado, frequentemente nomeado como "cafuçu" (que se acrescente pobre, rude, não gay identificado, "ativo") que penetra o homem "pintoso" (RIOS, 2021; RIOS, VIEIRA, 2023). Nas saunas, os corpos dos homens que pagam pelos serviços sexuais dos garotos de programa (quase sempre negros e jovens como André) se assemelham ao corpo do nosso personagem mais velho, Carlos.

Usualmente, são os homens mais velhos, brancos, com mais recursos financeiros e conhecimentos que comandam as situações. Na cena descrita, essa expectativa é intencionalmente desafiada. A ideia é produzir abalos nas estruturas que mantêm as desigualdades de gênero, posição sexual, idade e raça, que são fortemente marcadas pelo amor romântico, tornado todos os envolvidos na cena sexual vulneráveis às ISTs (RIOS, 2004). Dessa forma, o drama do sexo desprotegido é abordado em diferentes dimensões, expressas corporalmente.

No segundo material, "Amigos que Transam" (Figura 5), os corpos, aparentemente saudáveis, por serem jovens e bonitos, também têm a função de

personificar as estilizações que encontramos em nossas pesquisas. Caio, um rapaz branco, configura estilisticamente o "boy padrão" (masculino, branco, com um corpo "sarado", corte de cabelo e roupas da moda, sendo interpretado como pertencente à classe média). Ele representa o tipo mais desejável na hierarquia das estilizações corporais. Embora não seja "padrão", especialmente por ser preto, Paulo possui os outros atrativos valorizados no "meio", incluindo paradoxalmente a própria negritude, associada ao "tamanho do pau" e ao "gingado na cama"/desempenho sexual, mas que não o torna ideal para namorar ou casar (RIOS, VIEIRA, 2023).

Ao longo do texto, são nomeadas ou performadas as diferentes emoções que se entrelaçam na trama da infecção pelo HIV (que se sobrepõe à narrativa da "transa" conforme descrita pela sexologia e retratada na pornografia): amizade (e implicitamente confiança), "tesão", "fogo", "armado"/excitação, aflição, medo, alívio, tristeza. Não por acaso, Caio, o "boy padrão", é quem está com o vírus e o transmite para Paulo, o homem preto. No enredo, a PEP é apresentada como possibilidade de reparação para o drama que será vivido, mas por falta de conhecimento, não foi utilizada.

Fernando, um rapaz "comum" de pele branca e cabelos claros, "galego" como dizemos em Recife, é retratado em dois materiais: "Fernando e o Urso" (Figura 6) e "On PrEP" (Figura 8). Ele seria a "gay da putaria", que não consegue se controlar na "agonia do tesão", e recorrentemente se envolve em relações sexuais sem camisinha com estranhos. No intuito de dismantelar construções estigmatizantes que tendem a encobrir opressões e vulnerabilidades, optamos em não retratar Fernando como um homem negro ou associá-lo a elementos corporais relacionados à pobreza, nem torná-lo ostensivamente "pintoso". Isso porque pessoas com tais características são frequentemente estereotipadas como "promíscuas". Três características que marcam a estilização das "bichas pão com ovo" ou "bichas poc" - consideradas as menos

desejáveis na hierarquia das estilizações (RIOS, VIEIRA, 2023).¹⁹ Com Fernando e suas aventuras sexuais, que incluem visitas a serviços de saúde, discutimos as duas formas de profilaxia adequadas para situações em que a camisinha está ausente.

No quarto material, intitulado "Casal Diferente" (Figura 7), a questão abordada é tanto a diferença sorológica para o HIV como a prevenção positiva. Novamente, temos um homem preto, Marquinhos, assumindo o controle da situação ao comunicar seu status sorológico ao homem branco, Marcão, que decide manter o relacionamento, desafiando a estigmatização contra pessoas vivendo com HIV. A desestigmatização da soropositividade também é destacada na cena em que a camisinha se rompe durante a interação sexual, a visita ao serviço de saúde e o acesso a informação aliviadora de que uma pessoa vivendo com HIV, em um tratamento adequado e carga viral indetectável, não transmite o vírus.

Certamente, é possível encontrar outros aspectos imagéticos com endereçamentos nos marcadores sociais. Os exemplos mencionados aqui ilustram como os materiais buscam sutilmente trazer à tona e desafiar as regras sociais, na esperança de que o erótico²⁰, por meio dos jogos narrativos-visuais utilizados, possa desestabilizar as abordagens ineficazes na proteção às ISTs, estimulando a reflexão e engendrando disposições para abordagens realmente eficazes. Além disso, eles visam sensibilizar os/as/es leitores/as/ies sobre os equívocos provocados por estilizações construídas a partir de processos de estigmatização, apontando para formas mais igualitárias de viver as interações, especialmente as eróticas.

¹⁹ Me refiro às representações que as estilizações mobilizam. No inquérito não houve associações estatisticamente significantes entre as três características com sexo desprotegido. Do mesmo modo, "promiscuidade" aqui é categoria êmica, que mais expressa estigmatização de relações não duais e não monogâmicas, do que um fato incontornável de risco às ISTs.

²⁰ Erótico aqui concebido, junto com Richard Parker (1991), como se locupletando das transgressões às normas sociais, especialmente às de gênero e sexualidade, ainda que também as reforce.

Alicie Bee

Ao longo de quase 30 anos de pesquisas e intervenções nas redes de sociabilidade HSH e comunidades gays do Recife e do Rio de Janeiro, tenho discutido sobre como os arranjos de gênero nessas comunidades reforçam o machismo da sociedade em geral, valorizando configurações de masculinidade e desvalorizando configurações de feminilidade. A feminilidade é frequentemente vista como algo inferior no âmbito erótico e social, sendo o principal motivo de discriminação e violência (inclusive nas próprias comunidades gays), o que tem impactos na saúde mental de muitos HSHs (RIOS, 2004; 2021; RIOS et al, 2018).²¹ Ainda precisamos explorar mais essa questão nas cenas sexuais de “Na Agonia do Tesão”, e o caminho começa a ser aberto e pavimentado pela drag queen Alice Bee (Figuras 1 e 9), nossa cicerone no *site* e nas redes sociais do LabEshu, que, por meio de sua estilização e de sua arte, nos direciona para discutir outras formas de lidar com as agências dissidentes à heteronorma.

Figura 9: Gif de divulgação do site "Alice Bee no Vale das Ninfas"



Fonte: Acervo LabEshu.

²¹ A "bunda" é a preferência nacional, mas é o tamanho do "pau" o objeto da cobiça e poder; HSHs "passivos" são constantemente desprestigiados, inclusive pelos "ativos"; "passivos e "pintosas", em contextos de disputas e fofoca são categorias de chingamento; "pintosas" são as menos desejadas por "pintosas" e "boys" (RIOS, 2021).

A arte drag, do mesmo modo que o pós-pornô, tem uma história brasileira que antecede a sua consagração midiática internacional. Conforme Lucas Bragança (2019: 538), no Brasil, *”A cultura drag não nasce ou simplesmente ressurge com as novas representações midiáticas, como RuPaul’s Drag Race, mas é fruto, tanto quanto, de uma luta política e de uma disputa e conquista por espaço midiático iniciadas há décadas no território nacional.”* Os shows de transformistas, fortemente influenciados pelo teatro do rebolado e pelas performances caricatas do carnaval, representam a face brasileira dos diversos movimentos que contribuíram para a história da cultura drag. Assim como em outras partes do mundo, no Brasil, a cultura drag teve seu auge nos anos de 1970 e sofreu um certo declínio devido à crise da AIDS a partir de meados dos anos 1980, sendo retomada a partir da década de 1990.

Bragança (2019) sublinha que a politização das drag queens em Stonewall, também é parte das características da cultura drag brasileira. Ele menciona o exemplo da primeira parada LGBT brasileira, em 1997, que não apenas contou com representantes na organização, como Kaká Di Polly e Salete Campari, mas também na linha de frente para que o evento ocorresse.

Kaká Di Polly conta que: “Chegou na última hora, não queriam deixar a Parada sair. Eu cheguei para o Roberto de Jesus e falei: ‘Olha Beto, eles não querem deixar o carro sair, eu vou fazer um negócio ali na frente e quando eu fizer, você aproveita para colocar o carro na rua e fazer a passeata sair’”. Eu fui lá na frente, fingi que estava passando mal, me joguei no chão e o trânsito da Paulista parou. No que o Roberto de Jesus viu o trânsito da Paulista parado, ele fez o carro entrar na avenida e todo mundo foi atrás. Tinha só umas duas mil pessoas. Aí me levantei e saí correndo atrás da Parada e os guardas ficaram todos com cara de idiotas”. (Bragança, 2019: 357)

Com Alice, reconhecemos a importância e a herança de Kaká Di Polly, Salete Campari, em São Paulo; Laura de Vison, Hanna Suzart, Lacraia, e do palco da Turma OK, no Rio de Janeiro, Salário Mínimo e os elaborados shows de transformistas do saudoso Meu Kaso Bar, em Recife, e das boates Donna Santa, Meet Music & Lounge e

Divine em Fortaleza, onde se destacava a família Haddukan²², e de muitas outras pessoas e instituições importantes na afirmação "beesha" e na luta contra a AIDS no Brasil.

Não gosto de usar o termo "queer" para designar a experiência de gênero e sexualidade de Alice ou de qualquer pessoa "pintosa" no Brasil. No caso dos HSHs, o termo "beesha", ou a corruptela "bee", expressa melhor a estranheza e a monstrosidade que os/as/es marcam. Além disso, a extensão de "beesha" para se referir a amigos/as/es, independentemente de gênero e orientação sexual, em uso pelos/as/es jovens atualmente, marca e simultaneamente esvazia as forças heteronormativas estigmatizantes. Categoria êmica, "beesha" situa de forma mais precisa, em relação ao estrangeirismo "queer" (sem apelo popular e/ou uso corrente), as possibilidades de ações política apresentadas nas teorias sobre sexualidade e gênero de perspectiva pós-identitária.

Com Alice Beesha, incorporamos de nossas antecessoras aquele toque de humor debochado, que parte do corpo em direção à fala, necessário para a disputa pelo alargamento das fronteiras de gênero, sexualidade e erotismo. Humor que, conforme Sarmet (2014), marcou o GANG nos anos 80 e ainda influencia a pós-pornografia latino-americana. No caso das drag queens, esse tipo de humor deriva da sensibilidade *camp*²³, conforme proposta por Susan Sotang (1964), e que Eduard MacRae (1982)²⁴

²² Marina Mesquita (2015) apresenta uma belíssima etnografia sobre a cena de transformistas e drags de Fortaleza e os processos de amadrinhamento.

²³ "To camp [Fechar] é uma forma de sedução — uma forma que emprega maneirismos extravagantes sujeitos a uma dupla interpretação; gestos cheios de duplicidade, com um significado espirituoso para entendidos e outro, mais impessoal, para leigos. Do mesmo modo e por extensão, quando a expressão se torna substantivo, quando uma pessoa ou uma coisa é "um Camp" [fechativa], implica uma duplicidade. Por trás do sentido geral 'direto' no qual podemos entender alguma coisa, encontramos uma experiência pessoal absurda com esta coisa." (Sotang, 1964: 5). Incluí a tradução em português de "camp", não traduzido na versão do texto utilizada, para dar ênfase a pertinência de "fechação" para isso; e sublinhar alguns elementos que esta forma de sensibilidade favorece para o trabalho de abalar a heteronormatividade na comunidade gay e redes de HSHs.

²⁴ MacRae (1982), em "Os respeitáveis militantes e as bichas loucas", mostra como na década de 1980 essa sensibilidade "bicha"/"fechação", questionadora do que hoje denominamos heteronormatividade, foi sendo apagada do movimento homossexual brasileiro para que este fosse mais respeitado pelos outros movimentos.

traduziu como "fechação" ou "bichice".

O gosto Camp ["fechativo"] é uma espécie de amor, amor pela natureza humana. Ele se deleita com os pequenos triunfos e as embaraçosas intensidades do "personagem", não os julga... O gosto Camp ["fechativo"] se identifica com aquilo que dá prazer. As pessoas que compartilham essa sensibilidade não riem da coisa que rotulam "um camp" ["fechativo"], elas a apreciam. Camp ["Fechação"] é um sentimento terno. (Sontag, 1964:13)

Reforço que, no Brasil e no mundo, essas performances "fechativas" de feminilidade em corpos identitariamente masculinos têm um importante efeito na luta contra o machismo e a homofobia, dentro e fora das comunidades e subculturas gays.

Próximos episódios...

Não há muitos trabalhos de avaliação de materiais informacionais, especialmente os construídos na perspectiva aqui apresentada, que são necessários para o desenvolvimento de tecnologias de IEC em saúde (MONTEIRO, VARGAS, CRUZ, 2006). Com a intenção de produzir evidências científicas sobre a efetividade e eficácia desse modelo de educação em saúde sexual - ancorado na cultura local, crítico a heteronormatividade e outras estruturas opressoras, de modo dialógico, por meio da pós-pornografia e, portanto, narrativo -, elaboramos um projeto cuja coleta de dados acontecerá nas proximidades da Parada da Diversidade em Recife, em setembro de 2023.

No entanto, já realizamos uma experimentação avaliativa que vale ser compartilhada. Com "Alice Bee no Vale das Ninfas" e os 5 carrosséis "Na agonia do Tesão" *online*, o conjunto foi submetido seu primeiro teste durante o lançamento do plano de comunicação do LabEshu do qual faz parte, em março de 2023. O lançamento ocorreu durante o seminário continuado do laboratório, as "Quartas Dissidentes". Após apresentar o LabEshu e nossa lógica de produção de materiais de IEC, e fornecermos

acesso ao *site* e a cópias impressas do último “Na Agonia do Tesão: On PrEP”, realizamos uma roda de conversar sobre os desafios na prevenção do HIV para HSHs. De certo modo, o material recém apresentado foi objeto de uma avaliação não planejada. Os diversos temas discutidos na roda de conversa foram abordados em outro trabalho (RIOS, DIAS, LUCKWU, 2023). Quero destacar aqui uma importante constatação feita pelas pessoas participantes, que em sua maioria eram profissionais de serviços que atendem pessoas LGBTQIA+: a exigência de alfabetização para acessar às mensagens, o que exclui uma grande parte dos HSHs com os quais gostaríamos de dialogar.

Estamos começando a pensar em como produzir materiais que exijam menor habilidade de leitura para serem usados na *Internet*, como audio-pós-pornôs e pós-pornô-animações, que possam ser distribuídos, por exemplos, no TikTok e WhatsApp, além das redes com as quais já estamos trabalhando. É por esse caminho que estamos novamente nos bastidores e coxias do LabEshu, preparando os nossos próximos episódios das aventuras de Alice Bee e dos personagens que encantam nossa réplica do Vale das Ninfas, e que emprestam seus corpos para a nossa pós-pornografia, “Na Agonia do Tesão”.

Referências

- ADRIÃO, Karla Galvão. Perspectiva feministas na interface com o processo de pesquisa-intervenção-pesquisa com grupos no campo psi. **Revista Labrys**, jul/dez, 2014.
- AYRES, José Ricardo et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In CZERESNIA, D.; FREITAS, C. (Org.). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 117-139, 2003.
- BERLANT, Lauren; WARNER, Michael. Sex in Public. **Critical Inquiry**, v.24, n. 2, p. 547- 566, 1998.
- BRASIL. **Boletim Epidemiológico – Aids e DST**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022.

BRUNER, J. **Atos de significado para uma psicologia cultural**. Lisboa: Edições Escuta, 1990.

BRAGANÇA, Lucas. Fragmentos da babadeirai história drag brasileira. **Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**, v. 13, n. 3, p. 525-39, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CORRÊA, Sonia. O percurso dos direitos sexuais: das margens ao centro. **Revista Bagoas**, vol. 3, no 4, 2009

DÍAZ-BENITEZ, María Elvira. **Nas redes do sexo**. Os bastidores do pornô brasileiro Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

DYER, R. Male Gay Porn: Coming to Terms. **Jump Cut: A Review of Contemporary Media**, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 27-29, 1985. Disponível em: <https://www.ejumpcut.org/archive/onlinessays/JC30folder/GayPornDyer.html>. Acesso em: 18 out. 2022.

EATON, Lisa, et al. A strategy for selecting sexual partners believed to pose little/no risks for HIV: Serosorting and its implications for HIV transmission. **AIDS Care**. 2009; 21(10):1279-1288.

FERRAZ, Dulce; PAIVA, Vera. Sex, human rights and aids: an analysis of new technologies for HIV prevention in the Brazilian context. **Rev Bras Epidemiol**, v.18, n. Supl1, pp. 89-103, 2015.

FRY, Peter. Estética e política: Relações entre “raça”, publicidade e produção da beleza no Brasi. In: GOLDEMBERG, Miriam. (Org.). **Nu e Vestido**.Rio de Janeiro: Record, pp. 303-326, 2002

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo.**Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Pp.57-76. 1996

GAGNON, John. **Uma interpretação do desejo**: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

JUNG, Carl Gustav **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2013.

KERR, L., C. et al. HIV Prevalence among Men Who Have Sex with Men in Brazil: Results of the 2nd National Survey Using Respondent-driven Sampling. **Medicine**, v. 97, n. 1S, pp. S9-S15, 2018.

MASTERS, William; JOHNSON, Virginia. **A resposta sexual humana**. São Paulo: Roca, 1984.

MACRAE, Edward. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: EULÁLIO, A. (Org.). **Caminhos Cruzados**: linguagem, antropologia, ciências naturais. São Paulo: Brasiliense, p. 99-111, 1982.

MAKSUD, Ivya; FERNANDES, Nilo; FILGUEIRAS, Sandra. Technologies for HIV prevention and care: challenges for health services. **Rev Bras. Epidem.** V. 18 n. supl1,

MESQUITA, Marina Leitão. **The Haddukan Family in Concert**: uma análise do amadrinhamento entre transformistas e drag queens. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

MONTEIRO, Simone, VARGAS, Eliane, and CRUZ, Marly. Desenvolvimento e uso de tecnologias educacionais no contexto da aids e da saúde reprodutiva: reflexões e perspectivas. In: MONTEIRO, Simone, and VARGAS, Eliane (Orgs.) **Educação, comunicação e tecnologia educacional**: interfaces com o campo da saúde. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006, p. 27-47.

MIKOS Camila e RIERRA, Jamil. Educação sexual escolar e cinema pornô: aproximações a partir de uma analítica de gênero. **Textura**. v. 23 n. 55 p.170-193, 2021.

PAIVA, Vera; ANTUNES, Maria Cristina; SANCHEZ, Mauro. O direito à prevenção da aids em tempos de retrocesso: religiosidade e sexualidade na escola. **Interface**, v. 24, pp. e180625, 2020.

PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 1991.

PARKER, R. **Na contramão da AIDS**: sexualidade, intervenção, política. Rio de Janeiro, Editora 34/ABIA, 2000.

PINHEIRO, Thiago Felix, 2015, **Camisinha, homoerotismo, e discursos de prevenção ao HIV/aids**. Tese de Doutorado. Faculdade de medicina da Universidade São Paulo. Programa de Medicina Preventiva.

PINHO, Osmundo. Race Fucker: representações raciais na pornografia gay. **Cadernos Pagu**, v.38, pp. 159-195, 2012.

PRECIADO, Paul. Museu, lixo urbano e pornografia, **Periódicus**, n 8, .v 1, 2018.

QUEIROZ, Tacinara. **Significados de sexualidades entre crianças em uma escola municipal de Cabo de Santo Agostinho**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

RIOS, Luís Felipe. **O Feitiço de Exu**. Um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva), Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004.

RIOS, Luís Felipe. **Era uma vez...** Memórias de um escutador de histórias interpelado pela pandemia da Covid-19. Memorial Professor Titular. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2020.

RIOS, Luís Felipe. Da hierarquia à igualdade? Parcerias sexuais, estilizações de gênero e classes sociais entre homens com práticas homossexuais. **RBEH**, V. 4, N. 15, , p. 219-249, 2021.

RIOS, Luís Felipe; ADRIÃO, Karla Galvão. Sobre descrições, retificações e objetividade científica: reflexões metodológicas a partir de uma pesquisa sobre condutas sexuais e HIV/aids entre homens com práticas homossexuais. **SAÚDE E SOCIEDADE**, v. 31, p. e210427, 2022.

RIOS, Luis Felipe; DIAS, João Pedro; LUCKWU, Júlio. Para onde a roda nos levou? Uma conversa sobre promoção da saúde sexual para populações sexo-dissidentes. **Cien Saude Colet [periódico na internet]** (2023/Set). [Citado em 15/02/2024]. Está disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/para-onde-a-roda-nos-levou-uma-conversa-sobre-promocao-da-saude-sexual-para-populacoes-sexodissidentes/18893?id=18893>

RIOS, Luís Felipe et al. (Org.). **Diálogos para o desenvolvimento social em contextos de grandes obras**: a experiência do Programa Diálogos Suape. Recife: EdUFPE, 2015.

RIOS, Luís Felipe et al. O drama do sexo desprotegido: estilizações corporais e emoções na gestão de risco para HIV entre homens que fazem sexo com homens. **Sex., Salud Soc.**, Rio de Janeiro, n. 32, pp. 65-89, 2019.

RIOS, Luís Felipe et al. 'Foi como se a gente tivesse visto a morte': estigmatização, sofrimento psíquico e homossexualidade. **Laplace em Revista**, v. 4, p. 140-158, 2018.

RIOS, Luís Felipe et al. 'Couro no couro': Homens com práticas homossexuais e prevenção do HIV na Região Metropolitana do Recife. **Saúde em Debate**, v. 46, p. 85-102, 2022.

RIOS, Luís Felipe; VIEIRA, Luciana. Sobre a “mundiça” e as “bichas cocotes”: georreferenciação e classe social nos circuitos gay do Recife. **Revista Periódicus**, v. 1, p. 18, p. 217–250, 2023.

RIOS, Luís Felipe.; QUEIROZ, Tacinara . Articulando materiais (áudio)visuais em contextos de práticas educativas de saúde e cidadania.. In: MENEZES, Jaileila.; ADRIÃO, Karla; RIOS, Luís Felipe. (Org.). **Jovens, câmera, ação: reflexões sobre os usos dos dispositivos móveis de mídia em um projeto de mobilização social**. Recife: EdUFPE, 2015, p. 219-265.

SAHLINS Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

SARMET, Érica. Pós-pornô, dissidência sexual e a situação cuir latino-americana: pontos de partida para o debate. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 1, pp. 258- 276, 2014.

SOTANG, Susan. **Notas sobre Camp**. Dorecero Brasil, 1964.

STEPAN, Nancy. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (Orgs.). **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, pp. 330-391, 2004.

TURNER, Victor. **Drama, campos e metáforas**. Niterói: EdUFF, 2008.

UNAIDS-BRASIL. “Estatísticas”. **Unaid-Brasil**. Accessed 22 June 2017. <http://unaid.org.br/estatisticas/>

VYGOTSKY, Lev. **A Formação Social da Mente**. Martins Fontes: São Paulo, 1991.

WILLIAMS, Linda. Screening Sex. Revelando e dissimulando o sexo. **Cadernos Pagu**, v. 38, pp. 13-51, 2012.

Gay post-pornography and sexual health education: Notes on an experience producing HIV prevention materials for gay men and other men who have sex with men

Abstract: The text discusses the theoretical and methodological backstage of the production of post-pornographic materials aimed at HIV prevention among gay men and other men who have sex with men (MSM). The production is part of a scientific communication plan from a research project on MSM vulnerability to AIDS. The research group has invested in the production of informational materials based on studies of narrative as a dispositive of subjectivation. In the case of production directed to adult MSM, post-pornography, conceived as a narrative form, provides the theoretical and methodological basis for the production, and was chosen as a way to operate prevention, both because of the strong presence of pornography in learning and experimenting with sexuality among MSM, and because of its disruptive potential against heteronormative sexual pedagogies. The materials, produced for publication on the internet, are composed of five "carousels of cards" that, by means of post-porn narratives, approach bodily, affective, and emotional components in sexual plots of unsafe sex, and possibilities of prevention (condoms, negotiated safety, PrEP, and treatment as prevention) and reparation (PEP) for the drama of unsafe sex. The imagery production took place through the notion of body stylizations: configurations that produce meaning (sensations, emotional valuations, significance, and direction) to bodies in interaction. Working counter-intuitively through the images, they propose to produce a second layer of meaning, in order to interrogate the dimensions of vulnerability associated with race, gender, and class. The carousels have as their privileged repository the website Alice Bee no Vale das Ninfas. Alice, a drag queen, and the Vale das Ninfas (circuits of homosociability in the Metropolitan Region of Recife) give local context to the scenes presented, while using the resources of drag art to interrogate the stigmatizations of the gay community itself, very much founded on a reiteration of the oppressions to femininities, especially when inhabiting the bodies of cis men and trans women. The text ends with evaluative notes about the experience, exploring the limits of a material that requires formal reading for its effectiveness, in a context marked by inequalities that are expressed in access to formal education.

Keywords: Post-pornography, Sexual Pedagogies, MSM, HIV/AIDS, Prevention.

Recebido: 01/06/2023

Aceito: 15/02/2024